

Director, editor e proprietário
António Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4513

Notícias de Guimarães

Composição e impressão:
A. Ex.ma
Sociedade Martins Sarmiento
Guimarães RA
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

Amor à Terra! As Festas Gualterianas vão ser esplendorosas A LIBERDADE

O Dr. Nuno Simões, nosso comprovinciano, publicou um artigo no «Primeiro de Janeiro» sob o título *Regionalismo e Regionalistas*. Nele torna-se lembrado o diário «A Pátria», jornal que o ilustre economista soube criar, há 35 anos.

Nesse jornal o regionalismo foi servido por um núcleo de homens apaixonados por essa política antiga que se chama — o amor à Terra. Nele colaborei, como pude e soube. E porque pratiquei essa política antiga, e porque a continuei praticando, aprez-me falar dela, destacando algumas passagens do artigo *Regionalismo e Regionalistas*.

«A Vida Municipal — escreveu o Dr. Nuno Simões — deveria ser, na base da vida provincial, a melhor educadora do espírito cívico».

Devia ser. Para isso, tornava-se mister que a vida municipal fosse uma escola de formação cívica.

Não nos faltam «corifeus das regalias, das tradições e dos valores locais», dispostos à acção da vida municipal. Mas pelo rumo que as coisas tomam, a função está-se burocratizando. Sob o pretexto de se fazer uma política uniforme, orgânica, tudo se centraliza.

Quando o Dr. Nuno Simões, recordando a teoria de Barrès, afirma que «o homem só vale pelas raízes que o prendem ao torrão natal e não pode ter a sua medida senão no bocado de terra em que viveram os seus maiores», proclama uma grande verdade.

O nacionalismo pouco mais é que uma abstracção, quando não brota do amor à terra onde nascemos. Se não nos prendermos a essa política antiga do amor à terra, só incompletamente se afirmará o nosso civismo.

Com nítida compreensão dos factos e exacta visão dos tempos, escreve o Dr. Nuno Simões:

«Considero e considerarei sempre o regionalismo como uma forma natural e tradicional do patriotismo, podendo e devendo ser base real e viva para uma perfeita organização política e administrativa do Estado.»

O contrário disto, é fazer dos cidadãos portugueses, politicamente, uns seres amorfos.

Sem liames que nos prendam ao torrão natal, o perigo de se cair em ceticismo e relaxamento, quanto à marcha da governança pública, ronda-nos o ânimo. Se não nos subverte e conduz à prática de um exotismo cosmopolita, pelo menos faz em nós a estagnação do dever cívico.

A culpa de semelhante catástrofe, é menos nossa que dos orientadores políticos para quem a vida municipalista vale pouco mais que um departamento burocrático do Terreiro do Paço.

Quando as Beiras realizaram o seu Congresso, nele foi apresentada uma tese referente ao *Municipalismo de ontem e o Regionalismo de hoje*. O seu autor lastimou a excessiva intromissão do

poder central na vida dos Municípios.

E' evidente que o Estado não pode alhear-se das células vivas dessa administração. Elas fazem parte integrante da sua própria função estadual. A orgânica das paróquias, dos concelhos, das províncias, representa, em ordem e ritmo, a própria Nação. Mas daí à centralização, deve opor-se grande distância.

Os Municípios portugueses, no esclarecido dizer do autor da tese apresentada no Congresso Beirão, «estão reduzidos a uma burocrática repartição pública».

Ainda, é certo, se mantem uma aparência de vontades autónomas, reunindo e deliberando os senhores Vereadores em conclave com o seu Presidente. Na realidade esta prática, que não exclui a «discussão» e o «voto» individuais, vale hoje menos que a «discussão» e o «voto» dos Vereadores dos tempos do constitucionalismo outorgado. Com vantagem para a administração municipal?

Parece que a medida teve mais em vista coordenar, dar homogeneidade ao sistema político do Estado, que alcançar benefícios administrativos ao governo municipal.

Estamos, pois, de face com uma experiência, cujo fim primordial é — centralizar. O municipalismo, o regionalismo, o provincianismo, cedem o seu lugar, a sua actividade, a sua razão de ser, em proveito do poder central.

Entretanto digo, seguindo o pensamento de um alto espírito:

«O apego aos costumes locais liga-se a todos os sentimentos desinteressados, nobres e piedosos.

«Que deplorável política aquela que os ataca!»

«Que sucede? Que em todos os Estados em que se destrói assim a vida parcial, se forma, no centro, um pequeno Estado. Al vão agitar-se todas as ambições: o resto, fica imóvel. Os indivíduos, perdidos num isolamento contrário à Natureza, alheios à pátria do seu nascimento, sem contacto com o passado, não vivendo senão um presente rápido, e lançados como átomos sobre uma planície imensa e nivelada, desprendem-se de uma pátria que não encontram em parte alguma, e cujo todo se lhes torna indiferente, porque os seus afectos não podem realizar-se em nenhuma das suas partes.»

A melhor maneira, portanto, de fixar o homem ao seu torrão nacional, está em não o desenraizar do seu torrão local. Para isso, importa que a vida municipal se não transforme em exercício burocrático.

Termino com este pensamento do Dr. Nuno Simões, adaptado à nossa posição, embora lho inspirassem os portugueses do Brasil: «...Portugueses sempre, portugueses todos, mas ninguém nos prive do orgulho do nosso torrão natal, dentro da pátria, nem se procure enfraquecer a nossa paixão regionalista, às vezes tão viva, que mais parece a razão de ser directa da nossa consciência cívica!»

A. L. DE CARVALHO.

Está elaborado o programa geral das Festas da Cidade — **Gualterianas** — que aqui terão lugar nos dias 31 do corrente, 1 e 2 de Agosto próximo, sendo abrihantadas por 10 bandas de música, uma das quais a de Infantaria 12 de Santiago de Compostela (Espanha).

As decorações das diversas ruas e praças estão a cargo dos ornamentistas Constantino Lira, de Felgueiras, Bernardo Barreira, desta cidade e Manuel Pereira da Silva, de Lamego. O Jardim Público, onde a Banda de Infantaria 12 de Santiago de Compostela efectuará dois concertos, nos dias 1 e 2, apresentará uma decoração que deve produzir belo efeito.

O programa é, em síntese, o seguinte:

1.º dia — (Sábado), às 8 horas, percorrerão a cidade diversas filarmónicas executando o Hino da Cidade. Festivos repiques dos sinos e salvas de morteiros anunciando o início das Festas.

Feira Franca de S. Gualter, de gado bovino, suíno, cavalari e asinino no Largo da República do Brasil, vistosamente ornamentado e ao longo da Avenida D. João IV. No local da Feira, tocarão alternadamente as Bandas dos Bombeiros Voluntários de Vizela e das Oficinas de S. José e, durante a tarde, concertos musicais no largo da Feira.

Sessão de fogo japonês e desfilantes populares.

O Grande Festival Minhoto terá início às 22 horas, no Largo da República do Brasil, com feéricas iluminações.

BOA FÉ E FIRME CONFIANÇA

O oportuno e criterioso artigo do ilustre colaborador deste jornal, sr. João de Guimarães, intitulado «União Vimaranesense» é revelador da indispensável precisão e concisão no que respeita ao imperativo que o determinou. Não sabemos de quem se trata, mas, seja de quem for, as considerações contidas no mesmo são portadoras de infosmável sinceridade bairrista e, portanto, isentas de duvidosas intenções.

De facto, trata-se de uma tentativa que apenas tem em vista colocar em plano de primeira grandeza o progresso de Guimarães por meio da boa vontade e da leal cooperação de todos os Vimaraneses de boa fé, incapazes, por isso, de atribuírem a essa União preconceitos de natureza reservada e, bem assim, de ocasional e mistificada infiltração na burocracia administrativa do concelho. Pretende-se — e esse direito não deverá nem poderá ser negado — que se crie em Guimarães uma instituição que, pondo de parte todas as afinidades de carácter político e religioso, seja orientada, única e simplesmente, pelo espírito de conciliação e de interesse comum.

BEM QUERER

por AURORA JARDIM.

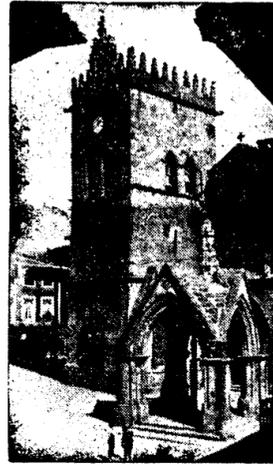
Queria fugir de ti porque te quero meu bem. Queria fugir de ti mas não posso, por mal.

Sem ti o sol não é sol e não há mais luz na terra.

Nem sorriso ou alegria, nem luar. Só noite fria e escuridão em meu coração.

Por que tentar fugir à força que teu braço tem?

Por que tentar se, afinal, todo o meu mal — é o meu Bem!



IGREJA DA COLEGIADA

pública do Brasil, com feéricas iluminações.

Como pano de fundo, num deslumbrante cenário, o Templo dos Santos Passos, contornado com milhares de lâmpadas coloridas. Mais além, a Montanha da Penha surgirá, em toda a sua grandeza, iluminada feéricamente.

Concertos pelas reputadas Bandas dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e de Vizela.

Continua na 2.ª página.

Em democracia a soberania é atribuído da nação. Soberania é o poder público supremo e a nação é o agrupamento de indivíduos fixados num território determinado, ligados por factores de raça, língua, tradições, ideais e lutas, do conjunto dos quais deriva uma consciência colectiva distinta e oposta à de outras nações.

E assim chega-se, em última análise, à conclusão de que a soberania está no indivíduo, única reali-

Vida Rotária

O sr. dr. João Alberto Mota Prego de Faria dirigiu, em nome do Clube de Guimarães, uma calorosa saudação aos rotários Francisco de Oliveira Costa, de Copacabana e Fernando Vieira Ferreira, de Lisboa, assim como ao convidado de honra sr. dr. Adriano Sanches Filipe Afonso, Delegado do Procurador da República na comarca de Felgueiras, que assistiram à reunião de 4.ª-feira última, à qual presidiu, no impedimento do Presidente, o Vice-Presidente sr. dr. Alvaro Marinho.

O orador fez, também, interessantes e oportunas considerações acerca do movimento rotário no mundo e referiu-se ao Brasil e ao seu progresso.

O Presidente, ao abrir a sessão e depois dos cumprimentos aos presentes, justificou a sua ausência durante meio ano do clube, por doença. Os presentes congratularam-se com o seu regresso.

Procedeu à leitura do expediente o secretário sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior, que proferiu, no início, breves palavras justificando a ausência de alguns companheiros.

Falaram ainda, apresentando «actualidades», os srs. José Machado Teixeira, Albano M. Coelho de Lima e António de Sousa Lima, proferindo palavras de agradecimento aos srs. Francisco de Oliveira Costa, que entregou, por entre aplausos, ao clube vimaranense, o galardão do seu clube, e Fernando Vieira Ferreira.

As saudações à Bandeira Nacional foram feitas, no início e no final da reunião, pelos srs. Francisco de Oliveira Costa e dr. Adriano Filipe Afonso.

A quete para o fundo Paul Harris rendeu 94\$50.

A próxima reunião ficou marcada para o dia 28.

A verdadeira educação

VII

A escola visa a formar a personalidade moral dos alunos; a sua função, o seu objectivo primário, toda a sua actividade, enfim, tem de convergir para uma obra formativa e lúdica educativa. Para isso, tem o educador de conhecer os seus alunos, corrigindo, aperfeiçoando a educação recebida em família.

Mas, sem ordem e disciplina, não se pode, consequentemente, educar. Não a rigidez, o processo violento da velha e estafada disciplina do orbe-lianismo, do castigo corporal, tolhendo, manietando, coartando as iniciativas, as manifestações do seu desenvolvimento psíquico. Disciplina, mas dentro da actividade e do interesse; ordem, mas sem embargo das iniciativas e da sua imaginação criadora.

A criança tem o predomínio, a predisposição para o medo. A ameaça é sempre, pois, prejudicial. O medo, no dizer dum psicólogo, é uma arma de dois gumes: é como os venenos que, usados em doses homeopáticas, curam, e, em doses maiores, matam. Segundo Moço («La Peur»), o medo torna a criança tímida, é origem de perversões de carácter, de desvios e desequilíbrios, torna-a assustada, perturbando-a seriamente.

O medo, na afirmação de Gonçalves Viana, «deve ser usado, junto das crianças, como fonte de respeito e de estímulo, e não como fonte de desassossego e de inquietação».

Em matéria educativa, a energia, a autoridade, não pode ser a ameaça, a violência, mas a brandura, a persuasão, o sentido das responsabilidades, a força do bom exemplo.

O castigo, quando de todo necessário, deve ser empregado paternal, carinhosamente. José Maria Gaspar, um dos maiores pedagogos dos nossos dias, mestre da Normal de Coimbra, diz que o castigo paternalmente tem ainda muito que se lhe diga.

«Dantes a mãe educada levava o filho à escola e pedia ao professor que lhe desse educação; hoje — a mãe sem educação, chega a verberar o mestre que também quer educar o seu filho.»

Há na criança os dois elementos do bem e do mal — ela é ambivalente, como afirmam alguns psicólogos. Por natureza ela é egoísta, impulsiva, rebelde e voluntariosa. Ao educador compete orientar pacientemente os seus defeitos, porque eles, bem canalizados, podem constituir o

Continua na 3.ª página

dade social segundo Duguit, até ao momento em que se consubstancia na consciência nacional; e para que, como querem os democratas, o poder seja uma delegação da vontade geral, o cidadão tem de ser livre, porque não pode haver soberania sem independência, isto é, sem liberdade; o poder exclui a obediência.

A liberdade, na democracia, é pois um direito público individual.

A liberdade tem, contudo de ser entendida em termos relativos que a lei determina, o primeiro dos quais, como é fácil de compreender, é o de que a liberdade de cada um não prejudique a liberdade de qualquer outro.

A consagração e delimitação desse direito fazem parte de todas as constituições democráticas; algumas mesmo o definem, como acontece, por exemplo, e já o dissemos num artigo anterior, na nossa Constituição de 1822. Esta, e depois a Carta de 1826, foram fortemente influenciadas pela declaração dos direitos de 1789, da qual constava que: «os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos; as distinções sociais só podem ter como fundamento a utilidade comum; o fim de toda a associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Estes direitos são: a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão». Mas, como a segurança pessoal e a propriedade não são mais do que formas da liberdade, o direito de liberdade absorve os restantes que a ele se reduzem.

E' claro que não basta que nas democracias as suas constituições consignem o direito de liberdade, visto que o seu exercício depende essencialmente do espírito e hábitos nacionais e, acima de tudo, da educação cívica; o direito de liberdade será tanto melhor assegurado quanto maior for o grau de cultura e compreensão cívicas de um povo.

O conceito geral da liberdade é que ninguém pode ser obrigado a fazer ou a deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei. Isto pelo que respeita à liberdade cívica, porque, quanto a liberdade económica, ela consiste na não intervenção do Estado na vida económica, doutrina individualista que se opõe ao socialismo, pelo qual o Estado absorve as actividades económicas, concentrando-as e assumindo a regulação da produção e a repartição da riqueza.

Quanto à liberdade política, ela consiste na intervenção do povo no governo do país, base essencial, como temos visto, da democracia. Nela se compreendem as liberdades de reunião, de associação, de consciência, de trabalho, e outras, cada uma delas constituindo um direito público individual.

Nenhuma destas liberdades se pode conceber, na vida social, sem restrições; mas só a lei as deve, em democracia, estabelecer e de forma que sejam as mesmas para todos, (Duguit, *Traité de Droit Constitutionnel*), e apenas as necessárias para assegurar o livre desenvolvimento de cada um.

Há liberdades absolutas, intangíveis: como as de crença e consciência; consistem na faculdade de cada um crer ou não crer como a inteligência lho determine; afinal isto mais não é do que a liberdade de pensamento; não há barreiras humanas capazes de a impedir; apenas pode ser limitada ou restringida nas suas manifestações externas.

Em democracia essas restrições têm de ser exclusivamente as indispensáveis para se não prejudicarem direitos alheios, tão respeitáveis como os próprios, e a ordem na organização do Estado; e efectivam-se pelo sistema repressivo, porque qualquer outro seria incompatível com os princípios democráticos.

E' preciso, contudo, atender a que na democracia liberdade de pensamento não é o mesmo que anarquia mental. Contradizer, por exemplo, as conclusões da ciência não chega a ser acto de liberdade porque transcende as barreiras do senso.

A democracia estabelece uma diferenciação nítida entre liberdade e irresponsabilidade; a um mais largo e generoso respeito pela primeira corresponde uma mais severa repressão do abuso.

Seria interessante uma análise, embora sucinta, dos modos como em democracia se garantem as liberdades de culto, de ensino, de imprensa, de reunião, de associação e de trabalho; mas isso levar-nos-ia muito longe e ultrapassaria

ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HÁ 50 ANOS

Depois da alvorada, às 6 horas, no inverno e às 4 meia no verão, começava o bulício daqueles rapazes que ali faziam o seu serviço militar.

O ramerão cotidiano iniciava-se com a primeira formatura — a do café e distribuição do pão para todo o dia — como primeira refeição. E' claro que o «tarata» tinha de governar a sua ração de meio quilo de pão de milho, em pequenas borras, de modo que lhe chegasse para as três refeições, e tirava a parte que entendia para o café e o restante guardava-o na caixa que lhe estava distribuída e que metia debaixo da cama.

Este era de milho e creio que ainda o é para as praças cá do Norte, que as do Sul tinham-no de trigo, como é hábito dessas regiões.

O café era distribuído em grandes cafeteiras para púcaros de folha de cada soldado e na cozinha passado em imensos sacos de fiavela, como os de nossas casas, e que os rancheiros (presentemente chamam-se pretenciosamente — cozinhadores) negociavam com os que viviam em volta do quartel.

Depois seguiam-se as limpezas do quartel, varrer o lixo acumulado, lavar as sanabados os sobrados das casernas com escova e cloreto, nos dias em que a «ordem» dizia «limpeza geral do quartel com lavagem», mas isto, embora feito com a energia e pulso de rapazes de vinte anos, deixaria desolada a mais desmazelada dona de casa, que poria na rua a sopeira que lhe apresentasse um soalho com aquele aspecto encardido de gerações de moços pouco habituados a esses luxos. Mas a verdade é que, depois dessas esfregadelas, aquilo parecia limpo, pelo menos — mais limpo.

O serviço interno, que havia outros como os de instrução, paradas, procissões, Missa, exercícios, etc., de que se tratava a seu tempo, continuava até pelas 9 horas, com a distribuição do rancho, ou almoço. O creio que toda a gente conhece o pitoresco juramento que os soldados ensinam uns aos outros: «Juro e jurarei, que ao pret e ao rancho nunca faltarei».

Houve porém excepções, raríssimas é certo, e não me consta que no Regimento 20 se contasse qualquer caso de os soldados deixarem de «levantar» o rancho, acto este de indisciplina e gravíssimo, a que chamavam «um levantamento de rancho», que consistia exactamente em os soldados deixarem de levantar as marmitas dos taboleiros de distribuição.

Aqui o termo «levantamento» tinha o significado de insubordinação, concerto para uma manifestação de indisciplina, mas atribuído ao facto de se não «levantar» o rancho parecia um paradoxo.

Mas quem nunca faltava, estivesse bom ou mau tempo, houvesse ou não esturro nos caldeiros, e «formava» logo ao toque de «cabos de dia e fuchinas ao rancho» eram as pombas do quartel que, estives-

a nossa intenção que singelamente se limita a divulgar uma noção superficial mas exacta do que seja democracia, sem pretendermos manifestar-nos sobre as suas virtudes ou defeitos.

Para completar essa noção falta-nos dizer alguma coisa sobre a igualdade; fica para outro artigo.

M.

P. S. — Quis o ineterato e fecundo colaborador deste jornal, A. L. de Carvalho, dar-me a honra de uma referência directa e amiga a propósito da incongruência, que salientei, de um aristocrata, que concebe o governo como privilégio divino sobrenatural ou providencial de um homem, família ou classe, poder ser simultaneamente democrata, isto é, adepto da doutrina que atribui a soberania exclusivamente ao povo.

Tive o cuidado de, — e nisso não fiz mais do que cumprir um singelo dever de lealdade —, pôr em evidência o facto de que A. L. de Carvalho confundiu «aristocracia» com «nobreza e fidalguia»; simplesmente me pareceu conveniente frizar que essa confusão, trivial e corrente em linguagem popular e despretenciosa, não era de aceitar e podia ser prejudicial num artigo de doutrinação política, firmado por um propagandista com as responsabilidades do autor.

A interpretação que dou, e é a única que convém ao ponto de vista de A. L., é aquela que ele mesmo, no seu artigo de hoje, — escrevo em 11 —, confirma com exuberância e brilho.

O aristocrata deixa de o ser desde que se converte à democracia. Qualquer espécie de *ubiquidade* em tal assunto, é inconcebível.

Todos os exemplos apontados por A. L. são de homens nobres e fidalgos, pela linhagem e também, coincidentemente, pelas suas excelentes qualidades pessoais. Eram ou foram democratas; e, portanto, politicamente, — o termo «democrata» só no sentido político é compreensível —, não eram, nunca foram, aristocratas.

M.

As Festas Gualterianas

Continuação da 1.ª página

Dezenas de barracas de atrações populares.

A' meia-noite, magnífica sessão de fogo de artifício.

2.º Dia — (Domingo). A cidade estará totalmente engalanada com deslumbrantes decorações. A's 8 da manhã, como no dia anterior, manifestações festivas. A's 10, Grande Concurso Pecuário organizado pelo Grémio da Lavoura, com distribuição de valiosos prémios, no Largo da República do Brasil, onde o júri reunirá.

Grande Concentração Campista, com a representação de grande número de núcleos campistas do país. A's 11, festividade religiosa em

honra de S. Gualter, no Templo dos Santos Passos, pregando, ao Evangelho, o rev. Frei Joaquim Gomes da Costa Peixoto, franciscano, de Coimbra.

Durante a manhã, concertos por bandas de música, nas praças e jardins. Sessão de fogo japonês e descantes populares.

A's 15, recepção à entrada da Rua Paio Galvão à reputada *Banda do Regimento de Infantaria Zaragoza n.º 12*, de Santiago de Compostela, com sessão de boas-vindas no Grémio do Comércio de Guimarães.

A's 18, sumptuosa procissão de S. Gualter, com numeroso figurado, representação das Ordens Religiosas e clero a que presidirá o Rev.º Senhor D. Abade de Singesverga.

A' noite, deslumbrante festival nas diversas praças, ruas e largos da cidade.

Feéricas iluminações de 100.000 lâmpadas; concertos em vários locais da cidade pelas Bandas dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, da Póvoa de Lanhoso e do Pevidém.

No *Jardim Público*, às 22 horas, concerto pela *Banda do Regimento de Infantaria Zaragoza n.º 12*, de Santiago de Compostela.

A' meia-noite, deslumbrante sessão de fogo de artifício e à 1,50 de segunda-feira, fogo preso no Largo do Toural.

3.º Dia — (Segunda-feira), pela manhã e às 12 horas, as manifestações festivas dos dias anteriores.

A's 10, sessão solene no salão nobre do Grémio do Comércio para entrega dos *Diplomas de Honra* aos expositores da Exposição Industrial e Agrícola do Concelho de Guimarães, realizada nas Comemorações do Milenário da Cidade.

Concertos por afamadas bandas de música, em vários locais da cidade.

A's 11, concerto no *Jardim Público* pela *Banda do Regimento de Infantaria Zaragoza n.º 12*, de Santiago de Compostela.

A's 18, Grandiosa Corrida de Toiros, com os cavaleiros António dos Santos e Francisco Mendes. Forcados, os amadores de Vila Franca de Xira. Toiros da Ganaderia Palha Blanco.

A' noite, novo e deslumbrante festival nas ruas e praças da cidade, abrilhantado pelas Bandas dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, dos Arcos de Val-de-Vez, do Pevidém, de Revelhe e de Golães (Fafe).

No *Jardim Público*, às 22, concerto pela *Banda do Regimento de Infantaria Zaragoza n.º 12*, de Santiago de Compostela.

Marcha Gualteriana, totalmente electrificada.

Cortejo verdadeiramente deslumbrante, com milhares de luzes, bonecos, animais e flores movimentadas. Maravilhoso conto de fadas num cortejo de luz, cor, música e alegria! Dez carros alegóricos de efeito surpreendente, assim como várias filarmónicas, grupos folclóricos, festadas, «Zés P'reiras», etc.

Após a *Marcha Gualteriana*, à 1 hora da madrugada de terça-feira, remate das Festas com uma sessão de fogo preso no Largo do Toural e um «bouquet» monumental.

A Verdadeira Educação

Continuação da 1.ª página

alicerce de excelentes qualidades morais: a teimosia pode ser guiada para a persistência, a dureza pode transformar-se em firmeza de carácter, o acanhamento em ponderação, o medo em prudência e a temeridade em coragem! Lar e Escola devem ser forças conjugantes no transcendente problema educativo.

O ambiente familiar é, como já víramos, o alicerce de todo o exercício formativo. O seu fim é o do desenvolvimento da criança e o da sua direcção espiritual. Esta tem de iniciar-se bem cedo, quanto antes, pois que os *sentidos e os pensamentos do coração humano estão inclinados para o mal desde a mocidade e servimo-nos textualmente das palavras do Génesis (VII-21) — «Sensus et cogitatio hominis prona sunt in malum ab adolescentia».*

Creemos ter sido Fénelon quem afirmou que não educar na primeira infância, seria cometer um segundo pecado original.

O bom lar é, pois, relicário de virtudes e nele tem de disciplinar-se a criança no amor à verdade, no respeito, na obediência e no pudor!

S. Torcato, 14-7-54.

PROP. J. MARTINS LIMA.

Cantinho de... graça

Perguntas... às respostas

Porque será que — quando há um terremoto — a terra treme e nós é que temos medo?

Porque não se pode depositar dinheiro num banco de gelo?

Porque não se pode dar um passeio num trem de cozinha?

Porque não se pode levar uma cabeça de alho ao dentista e mandar-lhe chumbar um dente?

Porque não se pode mandar fazer calças para as pernas das mesas?

Porque não se pode tocar violino com o Arco da Rua Augusta?

Porque é que quando morre um sujeito — que em vida ninguém ligou — logo todos dizem: Coitado! era tão bom rapaz?

Porque é que nunca se viu um burro desempregado e há tantos homens nessa situação?

Porque é que um músico da Polícia, em serviço, não pode ter dó, ter de andar ao sol sem sair de lá com prejuízo para si?

Porque não se pode amarrar um embrulho com um fio de azeite?

Porque é que o peixe vem do mar salgado e para o comer é preciso pôr-lhe sal?

Porque é que o Dr. Adelino está cada vez mais novo?

Porque é que ainda há crocos?

Porque é que ainda não saiu a carroça do lixo?

E porque é que eu estou aqui a maçar tanta gente?

Aijá Zus!

Homenagem a uma professora

Por iniciativa de uma comissão de paroquianos da freguesia de Vila Nova das Infantas, comissão presidida pelo pároco rev.º Justino José Correia, e de



D. Maria de Lourdes Soares B. Barrote

que fazem parte os srs. Celestino Leite de Oliveira Lobo, Rui Couto Vieira Osório, D. Teresa Maria de Meneses Freire de Andrade, a família do sr. dr. Adolfo de Sampaio e Castro e outras pessoas, foi prestada singular mas significativa homenagem a professora e directora da Escola Feminina daquela freguesia sr.ª D. Maria de Lourdes Soares Belesa Barrote.

A homenagem efectuou-se na referida Escola, para o efeito decorada com colgaduras, arbustos e flores, sendo aquela professora ali recebida pelos seus alunos com carinhosas ovações.

Effectuou-se uma breve sessão solene, na qual foi manifestada a simpatia e gratidão da freguesia à homenageada, pela sua dedicação ao ensino, sendo especialmente louvada a sua iniciativa da abertura, naquela freguesia, de cursos para adultos, cursos dos quais se encarregou apesar de ter já a seu cargo numerosas crianças para os exames da terceira e quarta classe, e que tiveram os resultados mais brilhantes.

Houve, depois, recitativos e canções, pelas alunas, habilmente ensaiadas pela sr.ª D. Maria do Céu Correia, que também saudou a homenageada em nome da freguesia. Outras saudações, de igual modo expressivas, foram proferidas pelo sr. José Martins, em nome dos alunos dos Cursos de Adultos; Maria Teresa Moreira Leite, pelas alunas dos mesmos cursos, e pela menina Maria Helena Pereira Peixoto, em nome das alunas da Escola. A' homenageada foram oferecidos valiosos lembranças e lindos ramos de flores. No seu agradecimento à comissão promotora da homenagem e a quantos a ela se associaram, a sr.ª D. Maria de Lourdes salientou que não via motivo para uma tal manifestação de apreço, por isso que nada mais fizera se não o que a toda a professora compete fazer: procurar, ainda que com sacrifício próprio, cooperar o mais activamente possível, no Plano de Educação Popular, para a extinção do analfabetismo no nosso País.

Carta a uma Senhora

(Retardada)

Minha Senhora

Entre outras características que nos apresenta o corrente mês de Julho, encontramos uma que se distingue de todas as outras e que, em escala maior ou menor, espalha os seus efeitos dentro de toda a periferia do país.

Quero referir-me, minha Senhora, às chamadas *cólicas académicas* — pois também existem outras de diferente natureza — aquelas extensivas a todas as categorias da população escolar e, portanto, constituindo a essência da regra geral.

São os exames de qualquer grau e ramo de ensino que provocam muitas dores de barriga à rapaziada dos diversos estabelecimentos de ensino e designadamente àquela em cujo temperamento se destaca a faceta *nerótica* do examinando e que quase sempre redundam em prejuízo do mesmo, até naqueles casos de manifesta aplicação no decorrer do ano lectivo. Quero dizer com isto que um dos factores a contribuir para o bom êxito de um exame é, sem dúvida, a boa disposição, o que, evidentemente, não dispensa o *saber*.

Porém, minha Senhora, as *cólicas* de que lhe falo alargaram o seu horizonte, desde que os filhos passaram a lembrar aos pais a hora de irem para a escola, graças às medidas de repressão ao analfabetismo, flagelo que colocava a Nação em degradante inferioridade quanto a outras onde a instrução se encontra em nível de acentuados progressos.

E agora, enquanto as *cólicas* aqui referidas continuam a ser o A. B. C. predilecto do ambiente actual, permita-me V. Ex.ª que eu lhe diga que não há *cólicas* mais impertinentes nem mais martirizantes do que as que nascem da miséria. De resto, estas poder-se-iam evitar, pelo menos em grande parte, se em alguns detentores da magna abundância não existisse a sinistra figura da avareza!

Sem mais, subscrevo-me De V. Ex.ª

Julho de 1954 cd.º ven.º e obg.º

X.

Audição Musical

No salão de festas do Restaurante Jordão, realizou-se, no passado dia 12, a 5.ª Audição de algumas das alunas que Tomás de Lima, professor distintíssimo, tem nesta cidade.

Tomás de Lima é um profissional com gana artística, que há já bastantes anos vem leccionando no nosso meio. E, assim, todos os anos, mais ou menos por esta época, estabelece uma espécie de prova de aproveitamento e de aptidão com as audições que tem promovido e que bem merecem os nossos louvores.

Professor e alunos expõem-se, deste modo, à apreciação de um júri constituído por todos aqueles que desejem assistir a essas audições.

Nesta última, *fizeram exame* seis das suas alunas, interpretando músicas não só de Tomás de Lima, como, também, de Scholl, Beethoven, Mendelssohn, Ruy Coelho, Chopin, Barrozo Netto, Heller, António Fragoso, Paderewski, Virgínia Salgado Fiuza, Rey Colaço, Daquin, Schubert, Albeniz, Granados e Chopin.

Programa variado, como se vê, bem escolhido, leve e gracioso, como convém numa exibição desta natureza.

Todas as alunas se portaram à altura dos seus méritos desde as *novelas executantes*, as pequeninas Maria Ludovina e Maria Luís, botõesinhos de rosa a abrir nos jardins da Arte Musical, até às mais veteranas como Maria de Jesus Larangeiro e Maria José Freitas, já senhoras de uma técnica que honra e reconforta o trabalho do Mestre. Do mesmo modo, Maria da Assunção Freitas e Zeferina Antónia deram boa conta dos seus progressos nas músicas que tiveram de executar.

Em provas desta natureza parecemos que a eliminação da pauta não é de aconselhar. Incute mais confiança às alunas e serve, também, para se aquilatar, com mais segurança, das possibilidades artísticas de cada qual, na interpretação dos trechos.

E' justo salientar a boa impressão que nos ficou da exibição de Maria José Freitas, que promete vir a ser uma boa executante desde que cultive bem as boas qualidades que revelou.

V. F.

COMBÓIO-RECREIO

A C. P. no intuito de melhorar o serviço de transportes de passageiros de Guimarães para Vizela, acaba de pôr em execução o *combóio-recreio* aos domingos partindo da estação desta cidade às 15,05 para regressar de Vizela às 18,45, para assim facilitar a visita aos domingos a aquelas terras.

No MEU CANTINHO

No domingo, dia 4. Salvador Dantas, oito quadras lindas. Não gostei da derradeira. Aquele *quê* devia ser *que*. Será soneira dos 83?

Em Janeiro de 1950, arranjei um Grande Amigo na «Gazeta do Sul».

Só por causa dum *senão*. Tal qual vem na 7.ª alínea do estudote *Quimera*.

As palavras *senão* e *porque* são, há muito, endiabradas.

Apenas relanceei o meu S. M. Mas foi um relancear muito gostoso.

Quarta-feira, dia 7. Poucas vezes me prende o meu querido S. A.

Pois no *Correio* braguês de ontem, prendeu-me empolantemente e gostosamente. O confronto das Academias de 1904 e 1954, nas Festas Marianas, valia muitos Escudos.

No domingo, dia 11. Em geral, gosto muito do *Delfim*.

Hoje, gostei três vezes muito, muito.

Com sacrifício e com gosto, li «A Grega Marcada».

Lamentei que a *Genebra* correctíssima da 2.ª linha se transformasse na feia *genebra* da última alínea.

Na quarta-feira, 14.

Formosíssimo, o Editorial da «Educação Nacional» de 12. Até formoso em oferecer *substrato* sem o *errôneo c*, que precede, muito frequentemente, o 2.º t.

Formoso ainda, em maiuscular a vasta Humanidade.

GERESINO.

A Festa dos Caçadores

A pedido da Direcção do Clube de Caçadores e por Incumbência do devotado vimaranense sr. Gaspar Lopes Martins, ausente no Brasil, é-nos muito grato manifestar, publicamente, o agradecimento a aquele nosso querido amigo a todas as pessoas que subscreveram uma mensagem que lhe foi enviada após a festa a Santa Catarina, realizada há semanas na nossa encantadora Penha.

Vendem-se

por motivo de falecimento de uma pessoa de família, 1 prédio com 18 divisões; um salão com 40 x 17, bem assim com todos os aparelhos para serralharia mecânica, e um automóvel marca «Morris» 10 c. em estado de novo. Facilita-se o pagamento. Informa esta redacção.

Dos Livros

Restos de Igrejas Visigóticas — do P.º Arlindo Ribeiro da Cunha.

O erudito autor dessa obra notável que se chama «A Língua e a Literatura Portuguesa», P.º Arlindo Ribeiro da Cunha, deu à estampa, em separata da revista «Theológica», este curioso trabalho que destinava a ser apresentado, embora sob outro título e em forma de comunicação — segundo esclarece — ao III Congresso Espanhol de Arqueologia, em Braga, no ano passado.

O Professor ilustre dos Seminários Arquidiocesanos também no «campo feracíssimo» da Arqueologia revela a sua cultura profunda e a sua probidade intelectual, sendo realmente para louvar a preocupação que demonstra pela verdade das coisas e pelo esclarecimento histórico, sem opiniões fáceis que, por vezes, se tornam discutíveis em matéria tão escabrosa.

Em «Restos de Igrejas Visigóticas», o autor reúne elementos valiosos para o estudo dos remotos tempos pré-islâmicos, com a análise expressiva de diversos capitais, alguns feitos «segundo as normas da arte peninsular pré-árabica», de pormenorizada descrição.

O P.º Arlindo R. da Cunha desenvolve, principalmente, o estudo sobre «S. Torcato» — depois da capela de Santa Marta da Falperra — acerca do estilo e da época em que foi construído o primitivo Mosteiro, de que há preciosas relíquias, concluindo, fundamentado em elementos inteligentemente coligidos, «que o Mosteiro de Santa Maria ao depois chamado de S. Torcato, remonta aos tempos pré-islâmicos e foi, possivelmente, fundado em vida e por impulso de S. Frutuoso».

Muito há a esperar deste espírito brilhante, que confessa «ser necessário deixar o remano da mesa de trabalho e examinar *in loco* o que, fortuitamente ou em virtude de buscas metódicas, se vai descobrindo».

Os Sinos — de Maurício A. Pinto.

Em separata do Boletim do Rotary Clube de Guimarães, foi publicada a palestra proferida pelo sr. Maurício A. Pinto, na reunião de 7/6/53, sobre os sinos e o seu simbolismo através dos tempos — nos costumes, nas crenças, no folclore, nas lendas e superstições das gentes.

O autor oferece-nos um descritivo atraente, de fino recorte literário, reportando-se a acontecimentos históricos e à magia dos sinos nas «líricas» de muitos poetas ilustres.

Maurício A. Pinto presta homenagem à «antiquíssima e laboriosa *Vimaranes*, que também teve outrora a indústria sineira».

Boletim de Trabalhos Históricos.

Foi publicado o opúsculo correspondente aos n.ºs 1 e 2, do Volume XVI, do Boletim de Trabalhos Históricos do Arquivo Municipal «Alfredo Pimenta», de que é Director o sr. Rodrigo Pimenta, que insere:

Para a história da Colegiada

NO «NOTÍCIAS»

Estiveram nesta cidade a conferenciar com a Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, os srs. Nicolau Felgueiras, Ramos Fialho e Henrique Diogo, respectivamente Presidente e Directores da mesma Sociedade de Lisboa, os quais, acompanhados pelos srs. prof. Mário Meneses e Manuel de Oliveira Félix, presidentes da As. Geral e da Direcção da Sociedade em Guimarães, nos deram a honra da sua visita, o que nos cumpre registar com muito reconhecimento.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

A. L. de Carvalho — *Faz hoje anos este nosso prestimoso amigo e illustre colaborador, a quem felicitamos muito sinceramente, com os melhores desejos de muitas prosperidades.*

Fizeram e fazem anos:

No dia 25 de Junho, a sr.ª D. Maria Pereira Martins, esposa do nosso bom amigo sr. António Faria Martins; no dia 16 do corrente, o menino João Pedro de Oliveira Coutinho, filho do nosso amigo sr. João de Oliveira Coutinho; no dia 19, os nossos prezados amigos srs. José de Oliveira, Manuel Teixeira e João de Oliveira Coutinho; no dia 20, mademoiselle Maria Ambrosina de Sousa Barbosa de Oliveira, filha do nosso bom amigo sr. António Soares Barbosa de Oliveira e de sua esposa, residentes em Braga; no dia 22, os nossos bons amigos srs. Manuel da Silva Ferreira e António Pádua da Cunha Monteiro; no dia 23, a sr.ª D. Maria Fernanda Rodrigues Lage Pinto Cardoso, de Viana do Castelo, e mademoiselle Maria Manuela Miranda, filha do nosso bom amigo sr. José Miranda Junior; no dia 24, os nossos bons amigos srs. António Bourbon do Amaral, João M. de Sousa Neves e Carlos Manuel Dias de Castro, filho do nosso bom amigo sr. Alexandrino Gonçalves da Costa e de sua esposa a sr.ª D. Leonor da Conceição Dias de Castro; no dia 25, mademoiselle Elvira Rodrigues Gomes Alves.

«Notícias de Guimarães» apresentamos os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 24, completa 9 risonhas primaveras a interessante meni-

de Guimarães — Inquirições sobre a pureza do sangue e Visitações dos D. Priores da Colegiada nos séculos XVII e XVIII. Entradas dos Engatados da villa de Guimarães e seu termo, desde 1745 a 1850. Crónica ou Memórias da Real Congregação de N. S.ª da Conceição de Oliv.ª do Douro, dos anos de 1803 a 1805 e parte de 1806.

S. M.

Nota — Far-se-á referência a todas as obras de que nos forem enviados dois exemplares.

«O Cronista».

Começou há pouco a publicar-se na Capital, sob a direcção do escritor sr. dr. Alberto Xavier, o quinzenário «O Cronista», cujo aparecimento causou muito interesse.

A sua feitura gráfica, que lhe dá um aspecto atraente, o brilho da sua colaboração, a importância e a variedade dos assuntos versados, impõem-no como um jornal de modernas características, destinado a preencher uma lacuna que de há muito se fazia sentir e a servir um vasto programa nos campos da Arte, da Literatura, do Pensamento e da vida social.

«O Cronista», segundo a afirmação do seu illustre Director, esforçar-se-á por agrupar as melhores inteligências e os maiores valores intelectuais do País, alheio a credos políticos, numa missão de prestígio e engrandecimento cultural e moral.

Felicitamos o sr. dr. Alberto Xavier pela orientação brilhante que imprime ao seu jornal, a quem desejamos longa vida e muitas prosperidades.

Em capela da Casa da Bela Vista, residência de uma tia da noiva, na freguesia de Santa Marinha da Costa, consorciaram-se no dia 15, a sr.ª D. Maria Joaquina Jordão Sarmento e Castro, natural de Gand (Bélgica), filha da sr.ª D. Maria Amélia Lage Jordão Sarmento e Castro e do sr. eng.º António Alfeu Peixoto Osório Sarmento e Castro, e o sr. Eurico Augusto Moura Sampaio, oficial da Marinha Mercante, filho da sr.ª D. Judit Ribeiro Moura Sampaio e Castro e do sr. dr. Manuel de Freitas Sampaio e Castro, tendo presidido à cerimónia religiosa o rev. P.º Luís Gonzaga da Fonseca, Prior de S. Paio, que dirigiu aos nubentes uma paternal alocução.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, sua mãe e seu tio sr. Eduardo Lage Jordão, e por parte do noivo, seus pais.

Os noivos receberam a Bênção Papai.

Assistiram à cerimónia numerosas pessoas das famílias dos noivos e convidados.

A estes desejamos as maiores venturas.

Baptizado

No dia 9 e na paróquia de S. Pedro de Azurém, baptizou-se, um filhinho da sr.ª D. Maria Zulima Paiva Pimenta M. Fernandes e do sr. Francisco Ramos Martins Fernandes, que recebeu o nome de Luis.

Foram padrinhos os tios maternos a sr.ª D. Maria da Conceição Paiva Pimenta Oliveira e seu marido o sr. Fernando Oliveira.

Partidas e chegadas

Embaixador do Brasil — Acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade na 6.ª-feira, tendo alojado na Penha, o illustre Embaixador do Brasil em Portugal, doutor Olegário Mariano.

Encontra-se em tratamento em Caidelas, a sr.ª D. Laura Cepa, esposa do nosso prezado amigo sr. David Cepa.

Com sua esposa encontra-se na Curia, em uso de águas, o nosso prezado amigo sr. António Pádua da Cunha Monteiro.

Tem estado na Póvoa de Varzim a família do nosso bom amigo sr. Pedro da Silva Freitas.

Com sua esposa tem estado, a uso de águas, no Gerez, o nosso bom amigo sr. António de Urgeses dos Santos Simões.

Deu-nos o prazer de sua visita o nosso bom amigo sr. António de Freitas Castro, activo despachante oficial do Lobito, que partiu ontem para Entre-os-Rios, a fazer uma cura de águas.

Com suas famílias encontram-se na Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. António Alberto Pimenta Machado e José Maria Machado Vaz.

Com sua esposa regressou de Caidelas o nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses.

na Graça Maria, filha do nosso bom amigo sr. dr. José da Conceição Gonçalves e de sua esposa a sr.ª D. Inês da Silva Gonçalves. Muitos parabéns.

CASAMENTO

Em capela da Casa da Bela Vista, residência de uma tia da noiva, na freguesia de Santa Marinha da Costa, consorciaram-se no dia 15, a sr.ª D. Maria Joaquina Jordão Sarmento e Castro, natural de Gand (Bélgica), filha da sr.ª D. Maria Amélia Lage Jordão Sarmento e Castro e do sr. eng.º António Alfeu Peixoto Osório Sarmento e Castro, e o sr. Eurico Augusto Moura Sampaio, oficial da Marinha Mercante, filho da sr.ª D. Judit Ribeiro Moura Sampaio e Castro e do sr. dr. Manuel de Freitas Sampaio e Castro, tendo presidido à cerimónia religiosa o rev. P.º Luís Gonzaga da Fonseca, Prior de S. Paio, que dirigiu aos nubentes uma paternal alocução.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, sua mãe e seu tio sr. Eduardo Lage Jordão, e por parte do noivo, seus pais.

Os noivos receberam a Bênção Papai.

Assistiram à cerimónia numerosas pessoas das famílias dos noivos e convidados.

A estes desejamos as maiores venturas.

Baptizado

No dia 9 e na paróquia de S. Pedro de Azurém, baptizou-se, um filhinho da sr.ª D. Maria Zulima Paiva Pimenta M. Fernandes e do sr. Francisco Ramos Martins Fernandes, que recebeu o nome de Luis.

Foram padrinhos os tios maternos a sr.ª D. Maria da Conceição Paiva Pimenta Oliveira e seu marido o sr. Fernando Oliveira.

Partidas e chegadas

Embaixador do Brasil — Acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade na 6.ª-feira, tendo alojado na Penha, o illustre Embaixador do Brasil em Portugal, doutor Olegário Mariano.

Encontra-se em tratamento em Caidelas, a sr.ª D. Laura Cepa, esposa do nosso prezado amigo sr. David Cepa.

Com sua esposa encontra-se na Curia, em uso de águas, o nosso prezado amigo sr. António Pádua da Cunha Monteiro.

Tem estado na Póvoa de Varzim a família do nosso bom amigo sr. Pedro da Silva Freitas.

Com sua esposa tem estado, a uso de águas, no Gerez, o nosso bom amigo sr. António de Urgeses dos Santos Simões.

Deu-nos o prazer de sua visita o nosso bom amigo sr. António de Freitas Castro, activo despachante oficial do Lobito, que partiu ontem para Entre-os-Rios, a fazer uma cura de águas.

Com suas famílias encontram-se na Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. António Alberto Pimenta Machado e José Maria Machado Vaz.

Com sua esposa regressou de Caidelas o nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses.

Regressou das Termas de Mondariz o nosso prezado amigo sr. António Faria Martins.

Regressou do Peso (Melgaço) o nosso prezado amigo sr. António Sarmento.

Esteve nesta cidade, a tratar de assuntos relacionados com a sua excelente revista «Terras de Portugal», tendo-nos dado o prazer de sua visita, o nosso bom amigo e camarada sr. José Matos, de Braga.

Em digressão de turismo partiu para o estrangeiro o nosso prezado amigo sr. José Alberto Pimenta Machado.

Com sua esposa e a uso de águas encontra-se no Gerez o nosso prezado amigo sr. Alberto Pimenta Machado Junior.

Com sua esposa esteve nesta cidade, no seu regresso do estrangeiro, o nosso bom amigo sr. Eze-

quiel de Sousa, que vai fixar residência em Vizeu.

Com sua família tem estado nesta cidade o sr. dr. Alberto Pita da Costa, illustre Juiz da comarca da Póvoa de Lanhoso.

Com sua esposa esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso querido amigo sr. Leandro Martins Ribeiro, gerente do Banco Nacional Ultramarino.

Da Póvoa de Varzim seguiu, com sua esposa, para a sua casa das Pedras Salgadas, o nosso querido amigo sr. dr. Nuno Simões.

Tem estado, com sua esposa, na sua linda vivenda da Freiria, o nosso querido amigo sr. dr. Eduardo d'Almeida.

Regressou do Gerez o nosso prezado amigo sr. Manuel Pereira Mendes.

Deu-nos, há dias, o prazer da sua visita o nosso querido amigo sr. coronel António de Quadros Flores.

De passagem por Guimarães, teve a amabilidade de vir apresentar-nos os seus cumprimentos, o que muito nos penhorou, o rev. P.º António Maria Cardoso, de Vila Real, distinto professor e jornalista.

Encontra-se a veranejar na Póvoa de Varzim a família do nosso bom amigo sr. João Mendes de Sousa Neves.

Com sua esposa regressou do Vidago o nosso prezado amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise.

Regressou da Póvoa de Varzim a sr.ª D. Antónia Passos Teixeira Bastos.

Está na Póvoa de Varzim a família do nosso prezado amigo sr. Alberto Carlos Abreu.

Acompanhado de sua esposa partiu de Viana para as Termas de Monção o nosso bom amigo sr. Capitão Manuel de Jesus Rebelo da Cruz.

Doentes

Vão experimentando sensíveis melhoras os nossos bons amigos srs. José Jacinto Júnior, Jerónimo Sampaio e Joaquim Azevedo.

Tem passado doente o sr. Armando M. Ribeiro da Silva, filho do nosso prezado amigo sr. António Martins Ribeiro da Silva.

Encontra-se melhor dos seus incómodos, estando a restabelecer-se em Braga, numas propriedades de família, o nosso prezado amigo sr. dr. Alvaro Carvalho.

Do Hospital da Misericórdia, onde esteve em tratamento em quarto particular e bastante melhor dos seus padecimentos, regressou a sua casa, no Pevidém, a sr.ª D. Maria da Graça Portinho da Mota Borges Salgado da Cunha, esposa do nosso bom amigo sr. João Salgado da Cunha.

Em Lisboa tem estado doente o nosso bom amigo sr. João Pereira de Freitas Pires.

Também tem passado doente, estando em tratamento em Lisboa, a sr.ª D. Mécia Reis, esposa do nosso bom amigo sr. António Francisco da Silva Reis.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Carlos Freitas da Silva

Faleceu na sua residência, à rua Gravador Molarinho, contando 29 anos, o sr. Carlos Freitas da Silva, casado com a sr.ª D. Maria Carolina Pereira Leite, filho da sr.ª Antónia de Jesus e do sr. João Couto da Silva e genro do sr. Manuel Pinto Ferreira, tendo-se realizado na sexta-feira o seu funeral, que foi muito concorrido.

Vida Católica

Peregrinação dos Sindicatos Nacionais ao santuário de Nossa Senhora da Penha

Os Sindicatos Nacionais promovem, hoje, uma grande peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Penha, como demonstração de fé e amor à Santíssima Virgem.

OFERTAS E PROCURAS

VENDE-SE Os herdeiros de Manuel de Castro da Silva Sampaio, por motivo de partilhas, vendem o Lameiro situado na travessa da Caldeirão. Informa Manuel Lage da Castro Sampaio, Rua Conde de Arnoso, n.º 4-2.º Dt.º — Guimarães. 307

VENDE-SE Na Póvoa de Varzim, prédio devoluto com 3 frentes e garagem, Rua Santos Minho, 14 e Rua Luis de Camões, 17, com todos os requisitos modernos, próprios para dois inquilinos, com entradas independentes. Falar, Rua José Malgueira, 27. 290

Terrenos Vendem-se na Av. Alberto Sampaio e Rua Abade de Tagilde. Informa a a Fábrica de Vila-Flor, Telf. 4303. 311

PROFESSOR DE DANÇA Abre o seu curso com lições de dança clássica no próximo dia 18, o célebre bailarino e compositor Fernando Kof, no salão do Grupo Recreativo «20 Azautes de D. Afonso Henriques». 309

Casa bem situada VENDE-SE nesta cidade, com vários aposentos, água e luz, quintal com árvores de fruto, garagem, etc.. Falar na rua Elias Garcia, n.º 55. 315

GUARDA-LIVROS Ainda colocado, oferece-se dando todas as referências. Resposta a esta Administração. 312

Aluga-se O 2.º andar do novo prédio, Rua do Anjo n.º 31, próximo ao Tournal. Falar Camisaria Martins. 314

Ao tomar esta iniciativa, as Direcções dos Sindicatos estão certas de que todos os trabalhadores as acompanharão, dando com a sua presença a certeza de que isto está no coração de todos.

A peregrinação sairá da igreja dos Santos Passos, pelas 8 horas, havendo, ao chegar à Penha, missa campal com alocução.

De tarde, sessão de camaradagem operária, em que falam alguns trabalhadores, junto ao santuário.

Ontem, à noite, houve adoração solene na igreja de S. Pedro.

Romaria de Nossa Senhora do Carmo, na Penha

Realiza-se hoje, na estância da Penha, a tradicional romaria de Nossa Senhora do Carmo, cuja imagem se venera na pitoresca gruta-ermida. Haverá missa campal às 11 horas e, de tarde, no santuário, sermão e bênção eucarística seguida de procissão para a gruta.

Santa Ana

A Mesa da Irmandade de Santa Ana, erecta na igreja de S. Francisco, em virtude de uma esmola avultada recebida nas suas caixas de esmolas, resolveu festejar congnidamente a sua Padroeira no próximo dia 25, pelas 10,30 horas, com missa cantada a vozes e órgão e sermão. No dia 26, pelas 7 horas, será celebrada a missa estatutária em honra da sua Padroeira.

Diversas Notícias

Novo Solleltador

O nosso prezado amigo sr. Carlos Pinto Leite, Caixeiro Despachante na Alfândega do Porto, tendo sido aprovado em concurso de habilitação para Solicitador encartado, foi nomeado para a comarca de Fafe.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia da Praça, à Rua de Paio Galvão, Telef. 40407.

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das instituições municipais»
Gama Barros.

A' Ex.ª Câmara Municipal

75)

Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

II

E aí de quem se atrevesse a beliscar-lhes nas prerrogativas! A *Herculano* (nota XVII ao Livro V) conta as façanhas iracundas de Pedro Nunes, filho de Nuno Sanches, em tempo de D. Sancho II, que, por se haverem oposto os padroeiros da freguesia de Santa Marinha de Oleiros, Jogado de Prado, onde tinha um casal, a que pousasse na residência seu pai, e por ordem sua, os espancou e declarou seus malados, e se não deitou fora o abade, foi por este lhe dar 25 morabitinos. E nós vimos na leitura das Inq. relatado, entre outros, o facto de «em tempo del Rey dom Sancho prestumeiro», em Asperandel, na freguesia de Guardizela, quando «entrou hy huom moordomo a penhorar em ouelhas duuma molher e matou o poreu gonçalo faffez». O privi-

légio da *meitiga*, como se acusou já nestas páginas, era concedido às amas que criassem os filhos legítimos dos fidalgos. Que vários e importantes eram todos os da nobreza — direito de jurisdição nas honras e coutos, revindicta, homenagem, isenção de penas vis, instituição de morgados, etc. (Ord.: Livro I, tit. 66 e 67; Livro II, tit. 58) — e do clero — foro, isenção de sisas, portagens e dízimos, embora contribuindo para as despesas públicas com dons gratuitos e subsídios eclesiásticos, e do serviço militar, etc. (Ord., Livro II, tit. I, etc.), como os das Ordens Militares: nas Ord. Filip. o tit. XII do Liv. I trata — Dos Comendadores e Cavaleiros das Ordens de Cristo, S. Tiago e Avis (1), e até mesmo dos Senhores de Terras (Ord.: Livro II, tit. 45 e 50; Livro IV, tit. 11 e 43).

Entre os mesmos privilegiados havia a emulação e o ciúme dos privilégios e por vezes contendas em que ora um, ora outro levava a melhor, dado que, a certas páginas da história, mister lhes foi bom concerto e entendimento para se ampararem na luta em defesa deles pelas tentativas em aumento e aperto da concentração de poderes no poder

(1) Quanto ao nosso Termo o estudo está proficilmente feito por Alberto Vieira Braga em *Curiosidades de Guimarães* — XIII: *Comendas da Ordem de Cristo no Termo de Guimarães*, e — XIV: *Da Ordem Militar do Hospital ou de Malta no antigo Julgado de Guimarães*.

real. E muito em especial no relativo às jurisdições, em que, aliás, o clero conseguia manter-se com mais firmeza e intransigência que a nobreza (2).

Continua.

(2) E' exemplo típico o caso (anotado pelo grande *Camilo*, em uma das suas excursões pela história, com amarga ironia) da prisão do Cavaleiro Sebastião da Gama, por ser nas escadas da Capela Real, pela morte do Doutor Manuel Gameiro de Barros e que deu lugar ao Assento da Casa de Suplicação e do Cível de 25 de Agosto de 1683. Em um outro, este de 30 de Agosto de 1779, reconhecia que a igreja pode, pelo benefício da restituição, embargar pela segunda vez Sentenças sobre causas tanto ordinárias como sumárias, ou sejam processadas com outros semelhantes Privilegiados, ou com a Coroa. Ainda, e já no ano de 1858, a Reação do Porto, por Acórdãos de 16 de Julho e 26 de Novembro, reconhecia valer tanto como a escritura e produzir os mesmos efeitos, a sentença do juiz eclesiástico que manda fazer a renovação de um prazo eclesiástico, enquanto se não faz por escritura, contra o disposto nas Ordenações e por matéria que levantava dúvidas sérias nos tribunais (*Revista de Jurisprudência*, de Joaquim Marcelino de Matos, tomo III, n.º 1 — Janeiro de 1851 —, pág. 244). Convém ter presente que por Alvará de 12 de Setembro de 1564 se recomendara a observância do Concílio Tridentino e que por outro de 27 de Abril de 1642 se ordenara que as justiças seculares deviam prestar assistência aos prelados e visitantes, cujas queixas apresentadas no Paço quanto à reformação dos costumes eram logo deferidas sem mais aquelas.

Quanto à dos nobres pode o leitor curioso consultar o pitoresco *Tratado Jurídico das Pessoas Honradas* (já é!...). Escrito segundo a Legislação vigente à morte Del-Rei D. João VI (Lisboa — Imprensa de Lucas Evangelista, na rua da Rosa, 1851).

Festas Gualterianas de 1954

Nota Oficial da Comissão

Como desde a primeira hora, e em íntima colaboração com o Grémio do Comércio, tem tido esta Comissão o cuidado de facultar à Imprensa em oportunos relatos, as notícias e diligências verificadas segundo os trabalhos dos respectivos pelouros.

Procissão de S. Gualter

Com a entusiástica anuência das Autoridades Religiosas, mormente de S. Ex.ª Rev. o Senhor Arcebispo Primaz e o digno Arcipreste na cidade, tomará parte nesta procissão a Imagem de Nossa Senhora da Oliveira, protectora da Nossa Querida Guimarães.

Espera-se que o cortejo religioso deste ano constitua um brilhante número a valorizar as Festas, pelo esplendor que deve atingir e pelas representações que nele devem tomar parte. Além do figurado que nela admiraremos, incorporam-se um grupo de missionários Franciscanos de Montariol, um grupo Beneditino de Singesvarga, com o seu respectivo D. Abade, o Seminário de Fontelo, as Irmandades de Nossa Senhora da Oliveira, de Santos Passos, S. Gualter, Irmandades do Sacramento da Oliveira, S. Sebastião, Creixomil e Urgezes, representações das Ordens Terceiras (S. Francisco, S. Domingos e Carmo), Autoridades Administrativas, Judiciais, Militares, Clero, etc.

Abirá o cortejo um grupo de 2 motorizados da P. V. T., 4 praças da G. N. R. montados, e Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, encerrando-o a Corporação dos Bombeiros Voluntários e a Banda de música do Regimento de Infantaria 12 Zaragoza, de Santiago de Compostela.

Será, pois, a Procissão de S. Gualter, uma jóia a engastar nas Gualterianas de 1954 e uma oportuna homenagem à Virgem da Oliveira, Divina Padroeira da nossa Cidade, neste Ano Mariano a Ela consagrada.

Espera esta Comissão que os Vimaraneses adornem os seus prédios de lindas colgaduras e cubram de flores as imagens de Nossa S.ª da Oliveira e S. Gualter.

Marcha Gualteriana

Esta Comissão tem verificado os trabalhos já feitos e não pode deixar de prestar rendido culto de homenagem ao zelo, brio, persistência e bairrismo dessa valorosa pleiade de rapazes — os briosos empregados do Comércio — que, diariamente, sem peias nem desânimos, durante horas sem fim, não se poupam a esforços, com este intuito apenas: Que a Marcha Gualteriana de 1954, de 10 lindos, incomparáveis e bem concebidos carros seja sempre e sempre melhor...

Turistas e Forasteiros

Este assunto tem merecido o especial interesse da Comissão. Assim, estão desde já assegurados aposentos nos Hotéis e Pensões da cidade, como nos das Caldas das Taipas e Caldas de Vizela e garantidos os meios de transporte em comboios, camionetes, etc.. A questão é de se inscreverem com tempo, obtendo garantia de serem servidos. Para o facto se chama a atenção dos interessados.

Tourada

Dada a sua organização e Cartel apresentado — está-lhe assegurado um grande êxito.

Com João Nuncio e Simão da Veiga no clássico toureiro a cavalo, António dos Santos, a revelação da época como novilheiro e matador, e a completar a falange o Grupo de Forçados Amadores de Vila Franca de Xira, tudo leva a esperar que seja uma bela tarde a lide brava, a do dia 2 de Agosto.

Concertos

A Direcção do Grémio do Comércio deslocou-se, no passado dia 12, a Compostela, confirmar o contrato com a Banda do Regimento de Infantaria 12 Zaragoza, verificando o grande interesse e satisfação que tem por Guimarães e pelas Gualterianas, e o entusiasmo pela visita.

Aquela Banda dará os habituais concertos oficiais, acompanhará a Procissão e prestará ainda quaisquer serviços extra, de que por ventura se venha a necessitar.

Proporcionaram à nossa embaixada um ambiente de muita simpatia!

Posto de reclamações

A fim de estar mais em contacto com os visitantes durante os dias das Festas, a Comissão terá a funcionar na Praça do Toural um *bureau* ou cabine privativa de reclamações, onde os *touristes* tem a colaboração de pessoa competente e um livro para nele exararem, quando justas, as suas reclamações, sugestões e reparos quanto aos vários serviços em curso durante as Festas.

Fogo de Artifício

As sessões de fogo foram devidamente estudadas e organizadas com o máximo cuidado e entregues

a artistas de competência já devidamente comprovada.

Tribuna e Bancada

Para que os turistas melhor possam admirar a Grandiosa Procissão e apreciar os efeitos da nossa Marcha Gualteriana, a Comissão vai mandar construir, em diversos locais da cidade, tribunas e bancadas, o que todos reconhecem de grande vantagem.

Cartaz Anunciador das Festas

De surpreendente efeito e primorosamente significativo, já está em distribuição pelo País este Arauto anunciador das nossas Festas. Honra ao seu autor pelo lindo trabalho produzido.

Campo da Feira

Esta Comissão diligenciou no sentido de que a Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães inicie, naquele local já tão concorrido e animado, os seus concertos no próximo Domingo, dia 18.

No Campo da Feira já não há lugar para mais abarracamento, tendo sido, pela mesma razão, indeferidas muitas pretensões.

Concurso Pecuniário

É de 16.000\$00 o importe dos prémios a outorgar, sendo esta importância a maior que se tem atribuído em competições deste género, nas Gualterianas.

Até neste ponto a Comissão quis — e muito bem — caprichar! Honra-lhe seja!

Por tal razão, é grande a afluência de concorrentes e, pela primeira vez também, em lugar de diplomas, serão distribuídos aos premiados medalhas de ouro e prata.

Ornamentações

Estão muito adiantados os preparativos, antevendo-se-lhes surpreendente efeito.

A Comissão do Jardim Público capricha em apresentar decorações de nitida novidade, actualização e modernismo, graças ao comprovado bom gosto artístico do novel vimaranense sr. Mário Dias.

As Ruas da Rainha, Largo do Toural, 28 de Maio, Campo da Feira, S. Dâmaso, Paio Galvão e frontaria da Igreja dos Santos Passos, serão profusão de luz em *ferie* deslumbrante.

A fachada do Toural, lado nascente e o seu novo jardim, bem como a Fonte da Fundação, apresentarão lindos frisos de variadas cores, cheias de profusão de luz e bom gosto.

Resta ao Grémio do Comércio e à Comissão das Gualterianas agradecer à Indústria, Comércio e povo de Guimarães a maneira como tem recebido as suas brigadas de serviço, cheia de júbilo por ver o acendrado bairrismo como todos tem trabalhado e pede a todos que embaixarem as suas fachadas nos dias das nossas Grandes Gualterianas.

A COMISSÃO.

AGRADECIMENTO

Eduardo Pereira Gonçalves, morador na Rua Cap. Alfredo Guimarães, desta cidade, vem por este meio e mui respeitosamente testemunhar a sua maior gratidão ao Ex.º Sr. Dr. Gonçalo Leite de Faria, pelo grande desvelo e proficiência com que tratou seu filho José Francisco Gonçalves, que actualmente se encontra completamente restabelecido.

Guimarães, 15 de Julho de 1954. 310

SEALPORO

UMA PINTURA... QUE DURA

TINTA DE REVESTIMENTO IMPERMEÁVEL PARA A PINTURA EXTERIOR DE EDIFÍCIOS

50 CORES 304

Agente: Domingos Cosme Baptista Vieira

Deposítários: João Garcia & C.ª, L.ª

GUIMARÃES

MÁRIO COSTA & C.ª, L.ª

PORTO LISBOA

Para INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS de qualquer género consultem:

J. MONTENEGRO

TUDO PARA ELECTRICIDADE = ORÇAMENTOS =

Largo 28 de Maio, 78-1.ª — Tel. 4510 GUIMARÃES 324

Poderá o VITÓRIA contar com todos os vitorianos?...

Terminou o futebol e, por uns meses, desapareceu a preocupação dominante dos desportistas locais.

Para muitos, a falta dum relato da «bola», colocou a telefonia na estante dos objectos inúteis, e os domingos, antes ocupados no vaim de Amorosa, passaram a ser utilizados, com plena satisfação da família, para as «clássicas» passeatas pelos campos e praias.

Tudo é calmo e sereno, e até muitos julgam reconhecer que essa «cousa» chamada pontapé à bola, é demasiado excitante, arrastante para os nervos e motivo de mau estar. Uns, esquecem-na ou fingem esquecê-la; outros, embora façam coro com os primeiros, intimamente, «pobres doentinhos», suspiram pela época que findou e aspiram pelo breve começo da nova. No fundo, afinal, todos adoram o desporto «Rei» e sentem pelo seu Clube a mais sincera simpatia.

No entanto, infelizmente, muitos e muitos, entendem que, com o encerramento das competições da modalidade, terminou também a obrigação de contribuir para a colectividade a que pertencem, e da qual tantas vezes exuberantemente têm afirmado ser os mais dedicados defensores.

Quantos e quantos, é lamentável ter de se afirmar, esquecem por completo, talvez mais por negligência do que intencionalmente, que é neste período difícil, sem receita de jogos, com problemas graves e onerosos a resolver, na confusão das transferências de atletas, com reformas que se impõem por determinações superiores e até sultantes de críticas que eles próprios fizeram, que o Clube a que

pertencem e desejam ver progredir mais necessita do seu apoio moral e material.

A indiferença em que tantos se colocam, no que respeita às suas obrigações para com a colectividade, tanto através do pagamento irregular das suas quotas, como no estímulo e apoio à Direcção, não pode conferir a quem a mantém foros de bom vimaranense e vitoriano, salvo se, para tal atitude, circunstâncias muito especiais a motivaram.

Ninguém, que se ufana de usar o emblema do Vitória e se diz dedicado amigo do seu Clube, deverá olvidar que é agora, precisamente neste momento, em que quase nada recebe em troca, melhor poderá demonstrar a sua dedicação e contribuir para o engrandecimento da sua colectividade, pela qual passou toda uma época de futebol a sofrer emoções fortes, vibrando de alegria e entusiasmo nas horas de triunfo, ou desesperando-se ante o amargor da própria derrota.

E agora, sem dúvida, que o Vitória precisa de encontrar os seus amigos, os seus defensores dedicados, todos aqueles que sinceramente o amam como coisa própria, e ardentemente desejam que ele atinja as culminâncias da fama e da glória.

E preciso que os vitorianos o sejam durante doze meses, indiferentes às vantagens monetárias que lhes advêm do «livre trânsito» dum cartão de sócio.

E necessário que cada um tenha em mente que o Vitória será tanto maior quanto os vimaranenses o desejarem.

José Abílio.

Ócios de Velho

No bem elaborado *Catálogo da exposição bibliográfica de autores vimaranenses* que a paciência beneditina do sr. Alberto Vieira Braga e do sr. Coronel Mário Cardoso elaboraram vai em dois anos, aparecem dois nomes que eu de há muito quero celebrar e pôr em foco: o do sr. Padre Campo Santo (Joaquim) e o do sr. dr. Pereira Caldas.

O primeiro foi não só poeta, mas também publicista e jornalista de destaque e brilho. Algumas das *Intenções* que publicou no *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* são de veras magistrais. Cito só a *Intenção em favor dos marinheiros*, em que ele descreve em termos empolados e altamente poéticos a vida do mar, mostrando um grande conhecimento de termos náuticos e das várias partes dos navios de vela.

Em poesia era, como hoje se diria, um az. Mas, como todos os homens de raro merecimento, nunca pensou em enfeixar, em livro, as suas numerosíssimas produções. Pois é pena! Era poeta de raça, apurado e perfeito. E os grandes mestres, como Campo Santo, são também uns grandes desconhecidos. E não versou só assuntos religiosos: também se comprazia, humorista e engraçado como era, em traduzir coisas picarescas e contundentes, como aquela poesia *A Janeleiros*, que não transcrevo para não melindrar qualquer dama que... o seja!

Por não lhes roubar mais tempo, só transcrevo a bem conhecida *charge* que ele verteu do espanhol e põe em vinha de alhos... a *Santa Liberdade*:

Liberdade, quem és? Não és aquela Virgem de branca túnica cingida. Que em meus sonhos eu vi, púdica e bela. Não és, não, a deidade esclarecida. Cujo facho alumia, como estrela, Os escuros abismos desta vida.

Não és a fonte de perene glória Que nobilita o coração humano. E engrandece esta vida transitória. Não és a ultriz de inexorável plano, Que ouse imprimir nas costas do tirano O ferro em brasa da imparcial história.

Não és a vaga aparição que sigo Desde jovem com sófrega canseira Sem alcançá-la nunca... Mas que digo? Fora a máscara! Fora, ó embusteira! Licença desgrenhada, vil rameira! De motins, já te entendo e te maldigo!

Breve falarei do dr. Pereira Caldas, meu mestre e... amigo!

S. A.

Aviso aos incautos

Pede-nos a Redacção da Revista «Terras de Portugal», de Braga, que avisemos os comerciantes, industriais e agricultores e as autoridades administrativas do distrito de que não devem, sob pretexto algum, conceder ou pagar anúncios a um indivíduo de nome Bernardino Carneiro de Matos, que se intitula seu correspondente em todo o distrito de Leiria e que se apresenta como estando a organizar números especiais daquela publicação.

Esse indivíduo, contra o qual já foram tomadas as medidas que o caso exigia, conseguiu extorquir cerca de trinta contos de publicidade a diversas entidades de Leiria, — sem para isso estar autorizado, — gastando-os em seu proveito.

BRIQUETES PEJÃO

INDÚSTRIA — AQUECIMENTO — COZINHA —

A Competidora de Representações, L.ª

R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523

GUIMARÃES 299

Notícias de Guimarães n.º 1175 -- 18-7-1954

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se público que pelo Primeiro Juízo da Comarca de Guimarães e Primeira Secção da respectiva Secretaria, nos autos de acção sumária — em execução de sentença que Manuel Alves, casado, negociante, morador no lugar de Real, freguesia de Santo Estêvão de Briteiros, desta comarca, move contra DOMINGOS FRANCISCO DA SILVA e mulher AURORA TEIXEIRA DA SILVA, ele construtor civil e ela doméstica, moradores na Rua Trajano Augusto, freguesia de São Tomé de Caldelas, também desta comarca, correm éditos de VINTE DIAS a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos ditos executados, para no prazo de DEZ DIAS posteriores ao dos éditos, deduzirem os seus direitos na aludida execução.

Guimarães, 3 de Julho de 1954.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, 302 do 1.º Juízo,

Adriano Filipe Afonso.

O chefe da secção,

Alberto Fernandes Carreira.

OFICINA DE REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

Em INSTALAÇÕES de

AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS.

REBOBINAGENS DE DÍNAMOS, MOTORES E TRANSFORMADORES ELÉCTRICOS.

RECONSTRUÇÕES DE BATERIAS, etc.

São garantidos todos os serviços por esta casa executados.

Ribeiro de Oliveira & Mendes

LARGO DA REPÚBLICA DO BRASIL, 45 — TEL. 4689

GUIMARÃES

«CARI»

Casimiro Ribeiro

Obras Públicas e Edificações Gerais

TELEFONE 4609

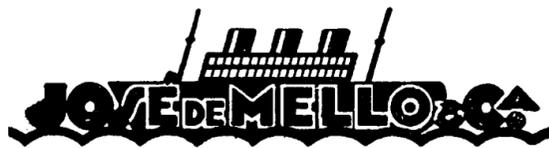
PEVIDÉM

End. Teleg. CARI

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.

Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: 12

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Fax. 57

Notícias de Guimarães n.º 1175 -- 18-7-1954

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

No dia 24 de Julho corrente,

por 11 horas no tribunal judicial desta comarca, por

virtude do ordenado nos autos

de execução de sentença que

Alberto Oliveira & Faria, Li-

mitada, sociedade comercial

por cotas, com sede nesta

cidade, move contra António

Teixeira Mendes Guimarães,

casado, proprietário, da rua

Gil Vicente, desta mesma

cidade, tem de proceder-se a

arrematação em hasta pública

para serem entregues a quem

mais oferecer acima do valor

porque postos em praça, do

seguinte:

O direito e acção a uma

oitava parte de uma morada

de casas construída de pedra,

de um andar para a frente e

dois para as traseiras, com

quintal, sita, com os números

de polícia 67 a 77, na rua de

Gil Vicente, freguesia de S.

Paio, desta cidade, descrita

na conservatória sob N.º

22960 e inscrita na matriz

predial urbana no artigo 170.

Entra em praça o referido

direito e acção no valor de

12.636\$00.

O direito e acção a cinco

sessenta e quatro avos de

uma morada de casas, com

quintal, de um andar, sita,

com os números de polícia

59 a 65, na referida rua Gil

Vicente e freguesia de S. Paio

desta cidade, descrita na

conservatória sob N.º 22961 e

inscrita na respectiva matriz

predial urbana no artigo 169.

Entra em praça o referido

direito e acção no valor de

9.000\$00.

São comproprietários nos

aludidos prédios, D. Maria das

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. {Est. 17 Comp. 21 404} PORTO

VENDE-SE

Fábrica de Tecidos com 100 teares, total ou parcelada, por motivo de partilhas, em plena laboração. Concelho de Guimarães. Facilidades de pagamento; directamente com os interessados. Carta à Redacção a E. L. 308

TUBOS GALVANIZADOS!

Unicos importadores 300 no Concelho:

A Competidora de Representações, L.ª

Só importamos tubos de parede normal, porque:

Tem mais parede, mais

duração e suportam o

dobre da pressão.

R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523

GUIMARÃES

Dores Fernandes Mendes, solteira,

D. Luísa Cândida Lemos de Almeida,

viúva, D. Maria Fernanda Almeida Mendes,

solteira, maior, desta cidade,

D. Palmira Edelmina da Silva Mendes,

viúva e Francisco Guimarães e esposa D. Maria Rio Mendes Guimarães,

da cidade do Porto. Guimarães, 8 de Julho de 1954.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, 301

Adriano Filipe Afonso.

Alberto Fernandes Carreira, O Chefe da 1.ª secção